VI Simpósio Nacional de
HISTÓRIA CULTURAL
Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

NÃO SOU BONECO DE MASSA, ESTOU GENTE: POR UMA PEDAGOGIA DO SENSÍVEL PELO VIÉS DAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Rafaella de Sousa Silva*

Em meio a uma escrita sempre nova e ao mesmo tempo relida (com outras palavras ou outros sentidos), me proponho a um exercício entremeado de questões que incomodam de alguma forma. E tantos são os extratextos embutidos em nossas falas, e tantos são os elastecimentos que fazemos destes buscando nossos próprios contextos e experiências. Antes de entender isso como confusão (negativa), enxergo como uma atitude silenciosa que vem ganhando sentido na busca de uma prática agenciada cheia de intenções, de vontades de mudança, com tendências positivas, com olhares multifocais.

Deixe-me fazer entender, me proponho aqui a pensar espaços construídos historicamente em conjunto com um número de significados – em aberto – riquíssimos de serem repensados; a saber, *Escola* e *Sexualidade.* E por tais territórios há muitos pontos a se partir, e esse texto, em específico, escolheu partir de uma relação de análise

---

* Professora de história atuante em instituições públicas, Estadual e Municipal, na cidade de Cubati e Campina Grande-PB; Licenciada em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG-PB) desde 2008; venho desenvolvendo desde 2007 pesquisas e quando oportunizados artigos na área de gênero. Especialista em Educação Básica pelas Faculdades Integradas de Patos (FIP). Atualmente mestranda no Mestrado de História da UFCG. Para mais: lela_cubati@yahoo.com.br.

ISBN: 978-85-98711-10-2

que tem os últimos dez anos da escola Padre Simão Fileto (no interior paraibano da cidade de Cubati, por intenções identificáveis, pois, leciono a cerca desse período o componente curricular de história nessa instituição), e tal experiência já me fez envolver-se em/com relações de gênero e sexualidades que me incomodaram a ponto de buscar apresentá-los nesse espaço de discussão para acrescentar – no possível ao momento – textos sociais que necessitam ser desnaturalizados e postos como aparatos culturais que dizem (e omitem) muito o contexto sócio-político e cultural, dessa sociedade, e de toda uma gama de outras que possibilitam sua formação influindo em um espaço de trocas simbólico-culturais presentes e atuantes.

Para tanto, além das minhas relações como docente (com discentes, colegas de trabalho, transeuntes da escola), venho buscando frechas de informações, mesmo quando aparentemente banais, como fichas de matrículas[1] (mas não apenas) de alunos e alunas do Ensino Fundamental maior (da escola acima citada), e, obtendo informações do tipo: sexo declarado, nomeações, idades, profissão de alunos, alunas e pais, assim como, seus respectivos "históricos". Logo, o ano de 2005 em específico, teve quase que em sua totalidade, dados que constavam um elevado número de profissionais agricultores e agricultoras (tanto em relação ao alunado quanto aos pais e/ou responsáveis). E, o que tornam as coisas mais complexas, é que temos alguns ditados, por vezes válidos, que em uma cidade pequena como Cubati, quem não "conhecemos", nos "conhece", e recorrendo a esse, assim como aos lances de memórias e conversas, relembro que a maioria dessas pessoas que se declararam agricultores vive na zona urbana e não realizaram forma alguma de trabalho agrícola no decorrer de suas vidas.

Tal colocação não busca ser denuncista falando em falsificação de dados, mas, visa refletir a Escola como um espaço repleto de aparatos documentais muitas vezes distantes do contexto de vida dos sujeitos transeuntes do seu interior. E a escola significa o que para além de suas *gentes*? E as práticas de ensino-aprendizagens que formam esses lugares sentem que *efeitos* se não buscarem conhecer suas *gentes* e identificações dessas para além de seus muros?

---

[1] Tais análises visam fazer um levantamento do aparato documental presente na escola nos últimos dez anos, em detrimento maior da pesquisa de mestrado que venho desenvolvendo na UFCG, na expectativa que eu consiga um suporte interessante para cruzar fontes que tentam contar "verdades" sobre a escola e seus transeuntes.

ISBN: 978-85-98711-10-2

Logo, é desse ponto que venho a partir, deixando-me levar pelas impressões de si, de mundo, de sujeitos, em formação complexificada (feliz teoria-prática do sujeito indeterminado). E persistindo nesse ponto, como há desilusões e ressentimentos que narram esse sujeito indeterminado que *está* aí (aluno, aluna, gramáticas fugidias) como não-lugar, como aquele e/ou aquela que não *é* mais como o de antes; *estão* fora de controle, distantes da identidade segura, do "casulo protetor" da essência do ser aluno/aluna de um antes (quase transhistórico).

E nesse sentido temos problemas, plurais e negativos, pois não *são* bonecos de massa os sujeitos que nos deparamos em sala de aula; *estão* gente, entendem seus lugares de direitos e de certa liberdade nos espaços cheios de vozes e silêncios que permeiam a *escola*. E entendam, nem vejo o alunado de antes como estático nem o de hoje como libertino, nem apresento os cenários atuais em relação a qualquer outro em uma hierarquia superior de elogios, é apenas outro momento, cheio de ranços e mudanças.

E como nos traem as palavras, e aqui abro espaço para relembrar a fala de uma professora de quinto ano, provocadora da abertura de um artigo que apresentei intitulado: "Novos tempos na discussão de gênero... Talvez!"[2]. Essa dizia: "Tenho para mim que isso de ser homossexual, travesti, gay e essas aberrações que tão por aí é uma doença, porque vontade de deus não é, pois ele fez homem e mulher para viverem juntos, de resto é coisa do tinhoso, só pode", e intercalada a outras falas, conclui dizendo: "Rezo a deus todos os dias pra um filho meu não receber um castigo desses". E nesse caso, como em tantos outros, o não-saber, o pre-conceito, a visibilidade que tal fala em uma sala de aula e para além dessa toma, pode provocar implicações tristes que são subjetivadas, aprovadas e repassadas (ou não); ou seja, repassa-se. E esses atos são refletidos – também – em números assustadores de violências físico-morais. Logo, faz-se necessário dar visibilidade, discutir às questões, abrir as sexualidades e as formas de experienciar a historicização; no intuito mesmo de perceber o cultural como espaço de

[2] Esse artigo foi apresentado para conclusão da disciplina de "Gênero, Etnia e Identidade" do Mestrado de História da Universidade Federal de Campina Grande no primeiro semestre do ano de 2011. E encontra-se aceito a apresentação no modelo de comunicação oral do VIII Colóquio Nacional Representação de Gênero e de Sexualidade, que ocorrerá em Agosto do corrente ano em Campina Grande/PB. Para mais informações ver: http://www.genero2012.com.br/.

ISBN: 978-85-98711-10-2

criação e recriação não-natural; mas, intencional, porque não dizer falível (discursos que podem se desdizerem).

E nos aventuramos pela teoria gueer para partir do estranhamento, atravessar e borrar fronteiras que visam moldar gênero e sexualidade. É em meio à crise que se permite abrir parênteses que questionam os cenários que visam passar-se por naturais. Na esteira de Guacira Lopes Louro, em um de seus artigos intitulado "Teoria Queer – uma política pós-identitária para Educação" (pp. 546);

> Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são denominados homens e mulheres homossexuais [...] Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação.

Elastecendo, tal perspectiva felizmente está sendo tomada por grupos heterossexuais e vários outros, que visam fugir da normatividade de uma heterossexualidade compussória, do que visa *moldar* castrando as diferenças. E existir-se-á espaço mais aflorado de cruzamento dessas fronteiras que o escolar? Lugar de promoção de ações, performances, vivências – duradouras e complexas – na formação do próprio sujeito.

Assim, é por pensar na Escola, seus horários de entrada e saída, permanências nas salas, punições (físico-morais), sinais de obrigações e ranços de um ontem, liberdade policiada e consciência abstrata que supera a percepção diária; necessidade de embelezar um passado idealizado na negativa de um presente riquíssimo de diferenças co-extensivas, vivas, moventes, na mutância de uma gramática aberta e indeterminada (sinônimo da proposta desse texto) que visamos questionar: por que essa ansiedade dolorida de educadores, pais, direção, merendeiras, porteiros, pedestres da escola, em capturar e narrar o *ser*? Como continuar persistindo nesse vazio de sentido se isso não dá conta do público que *está* fazendo o show cotidiano na/da escola?

E adentrar nessa trajetória é investir em redefinições de práticas, posturas, currículos, re-estruturação (das próprias salas, banheiros, pátios, quadras...); ou seja, é pensar a escola pelo rearranjo, ao avesso, ao contrapelo. E enquanto pesquisadores (e educadores) temos tido suporte e incentivo para refletir sobre? De quais aparatos

ISBN: 978-85-98711-10-2

teóricos podemos nos aproximar visando uma reflexão séria dessas relações que tem a escola como palco e os transeuntes dessa como atores que trabalham com scripts que os precedem?

Relembrando a "metáfora do cabide", Butler lança, pensando as relações dos sujeitos com a própria sexualidade, às relações de gênero; que não se trata de uma escolha única do sujeito sentir-se feminina, sentir-se masculino, pois pelo/no olhar dos outros esse ou essa passa por categorias de classificações e nomeações muitas vezes rígidas, tendenciosamente fixas. Não se trata tão somente de escolher a roupa que quiser no cabide, muitas vezes o "modelito" já está posto e as sanções de negá-lo como vesti são pesadas e provocam dissabores.

Essas vestes discursivas, que nos precedem "artficialmente" (no sentido de não natural), me aproxima da forma de perceber a construção do outro a partir do olhar sensível (por que não dizer conceitual?) que Edward Said nos convida a ter ao analisar a construção do Oriente pelo Ocidente, de seus sujeitos, do que dizem do outro em si. Nesse sentido, desnaturalizando (não)ditos nos aproximamos de cenários diários que estabelecem verdade sobre os sexos, as permissões e proibições que esta impunha e os ritos de incluir para excluir que estão constantemente sendo usados e abusados permeando e agenciando as ações que transversalizam os cenários escolares.

Talvez por isso eu já tenha assistido um aluno espancar o outro por um toque gestual que não tendo o gênero como uma categoria negociável via nesse gesto um dizer gay. E por que isso soou tão agressor? Por que esse parecer gay adentra como um insulto provocador?

Nos remetendo a entender e reafirmar – a título de exemplo – que a homossexualidade não é transhistórica, e que a própria construção das sociedades ocidentais busca legitimar lugares, códigos sociais, posturas que se aproximam de ideais brancos e monogâmicos que dão o tom musical do outro em um altura muitas vezes incômoda, quando não violenta. E partindo de Louro, e do artigo já citado, acrescento: a própria visibilidade dada às discussões sobre homossexualidade no Brasil é por via da "dor", da "doença", mais enfaticamente, pela AIDS nos anos de 1980. E isso trás um ranço muito forte de subjetividades negativas *sobre* formas de experienciar as

ISBN: 978-85-98711-10-2

sexualidades que driblam as fronteiras de uma heterossexualidade compussória, em dinâmicas novas, velhas, visíveis.

Provocando uma sensibilidade outra para quem escreve e se inscreve textualmente nas páginas, na vida. Entendendo que até o que se diz desconhecer, ignorar, não porta neutralidade, é fruto e influi no contexto de que parte suas falas (relembremos a fala de uma professora evangélica, casada na igreja, e os sentidos que portam seus ditos e não-ditos, antes já citados. Mas, não apenas essa nem pelas epidérmicas características que agora citei). E entendamos os limites das próprias teorias que defendem a homossexualidade reafirmando lugares, nomeações e estereótipos que para esses foram construídos de forma negativa; pois mesmo entendendo que é necessário conhecer para criticar, é necessário transversalizar, fazer o avesso, estranhar, fazer-se queer.

Percebemos sem buscar hierarquizar, entender o grande *e-feito* da cultura, ao passar por natural o que é, antes de tudo, construção cultural, com espaço, tempo, contexto de origem e perpetuação. Até o que se diz natural é discursivamente antinatural. O que nos provoca a colocar como Butler (2003, p. 25), que;

> Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘ a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como ‘pré-dicursivo’, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra *sobre a qual* age a cultura

E para tal percepção, visamos engrossar e contribuir, ainda de forma modesta e ensaísta, com os espaços que amarram tais teorias a campos práticos de nossas próprias experiências, da nossa própria agência, no sentido mesmo de provocar atitudes não apenas instituídas mais instituíntes, em uma sensibilidade outra de perceber-se em aberto, deixar-se no/pelo outro, percebendo a transitoriedade gramatical da qual fazemos parte, no intuito maior de conquista da respeitabilidade na/pela diversidade sempre (re)construída.

ISBN: 978-85-98711-10-2

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

BAUMAN, Zigmund. *Vidas desperdiçadas;* Tradução Carlos Alberto Medeiros. _ Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. 2005.

BUTLER, Judith. *Problemas de Gênero: feminismo e subversão da identidade,* tradução: Renato Aguiar. _ Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

GUIMARÃES NETO, Regina Beatriz. "Espaço e tempos entrecruzados na história: práticas de pesquisa e escrita. In: *História: Cultura e sentimento: outras histórias do Brasil/* apresentado e organizado por Antônio Torres Montenegro... ET AL. _ co-edição _ Recife: Ed. Universitária da UFPE; Cuiabá: Ed. da UFMT, 2008, p. 135166.

LARROSA, Jorge. Ensaios pedagógicos. In: *Linguagem e educação depois de Babel.* Trad. Cyntia Farina. Belo horizonte; Autêntica, 2004. P. 15-62.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: o uso da categoria gênero na pesquisa histórica. *História*, São Paulo, v.24, n.1, p.77-98, 2005.

SILVA, Rafaella de Sousa. Ser ou não ser? Nódoas de masculinidade na Cubati contemporânea. 2008. 55f. Monografia (Graduação em História) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande 2008.

VEIGA-NETO, Alfredo. Michel Foucault e os estudos culturais. In: Costa Marisa V. (org). E*studos Culturais em educação.* Porto Alegre: Editora da Universidade, 2000, p. 37-69.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer – uma política pós-idetitária para educação. *Estudos feministas.*segundo semestre, ano/vol.9, número 002, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil, pp. 541-553.